

ALÇADA BAPTISTA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

JANEIRO 2003

«As pessoas não sabem amar e a Igreja teve responsabilidades nisso porque fez confundir o amor com a sexualidade e a sexualidade com o pecado. Foi a Igreja que, nesse aspeto, acabou por fazer a propaganda da sexualidade sórdida. (...) Não consigo falar à vontade com um homem da minha geração porque, ou tenho de falar de futebol e não percebo nada de futebol, ou falar de ações da bolsa de que também não sei nada. Para diálogos que me interessem, que sejam conversas de alma, procuro mulheres e gerações mais novas. (...) Como futuro terei o esquecimento. Jorge Luís Borges também falou dessa única certeza: o esquecimento.»

A memória é o olhar mais complexo que se poderá ter sobre nós próprios?

Quem perde a memória sai do mundo. Se eu perder a memória, perco a minha história. Deixo de ser eu. Não temo a morte. Só tenho medo de já não ser eu quando morrer.

Novo livro de crónicas, *Um Olhar à Nossa Volta*. Que vê hoje ao seu redor?

As pessoas já nem sabem o que são valores essenciais como a liberdade, os afetos e a tolerância. São valores que devemos tomar e guardar na memória para os usar e transmitir. Existe uma sociedade em que as pessoas têm liberdade mas não há referências. Não me interessa a liberdade para ir fazer compras aos hipermercados. Interessa-me a liberdade para viver com valor a minha vida quotidiana, para me enfrentar comigo próprio.

Que tem falhado na formação de novas gerações?

Quando estava na escola primária, muitos dos meus colegas andavam descalços. Os filhos deles já se formaram e é essa classe emergente quem hoje determina a cor das massas. Deixou, em certa medida, de haver ricos e pobres e passamos a ter unicamente compradores e excluídos.

Pretende o «elogio da pobreza» tal como Erasmo fez o *Elogio da Loucura*?

Não, não. Considero muito bom o acesso a todos os bens burgueses. Temos direito a colher os benefícios de uma civilização, todavia precisamos de arranjar maneiras sérias de os alcançar. Deve haver uma certa parcimónia. Estar numa civilização não é ter cinco

automóveis e meia dúzia de máquinas de lavar... Felizmente ainda há muita gente que vive em solidariedade com os outros.

Os excluídos tendem a ser cada vez mais?

Mas estamos em condições de ter uma mudança de civilização.

Qual a grande meta do século XXI?

O bom uso da liberdade. Saber usar a liberdade é, para mim, capital. A liberdade não é um valor que esteja muito metido nas ideias das pessoas, no entanto ainda há quem tenha um grande sentido da liberdade; por exemplo, o que acho de mais importante em Mário Soares, dê as voltas que der, é o facto de estar sempre do lado da liberdade.

Para Jorge de Sena, «os portugueses não se salvam porque não se querem salvar». Somos um povo sadomasoquista?

Estamos habituados a que o poder resolva tudo. Num certo sentido, é preciso uma dose de individualismo para se funcionar de cabeça erguida. O que nos salva? É a nossa vida pessoal e a maneira como tratamos os outros.

Sei que costuma rezar. Reza mais o Credo, o Pai Nosso ou a Confissão?

A minha referência é Jesus Cristo na medida em que é Homem. Se eu fizer a imitação do que foi a vida de Cristo, estou a valorizar-me.

Tentou que o seu percurso de vida fosse uma imitação de Cristo?

Infelizmente, não consegui. E devo confessar que o Cristo que tenho hoje no meu pensamento nada tem que ver com a imagem mitificada do Cristo que me ensinaram. O Deus do Antigo Testamento é tirânico

e cruel. O Cristo que sinto é o do amor. A grande importância de Cristo, para mim, é a de ser um Deus de natureza humana, em que podemos ver-nos.

Um deus de natureza humana terá virtudes e defeitos à semelhança do homem...

Pois claro. Cristo teve uma agonia completamente descrente do Pai: «Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?» Mauriac disse ao contrário: «Meu Deus, meu Deus, por que não me abandonaste?» Vivemos com muitas ambiguidades.

Como se pode sobreviver coletivamente?

São necessárias regras. Mas das coisas que mais me encantaram na vida foram aqueles que disseram não à sociedade. Recordo a experiência de Lanza del Vasto, que viveu doze anos ao lado de Gandhi e veio depois para o Ocidente. Ao sul de França, organizou uma comunidade onde as pessoas comiam do que plantavam e vestiam do que teciam. Estive lá e ficámos amigos. Essas apostas maravilham-me.

A grande utopia?

Só sairemos disto através da utopia.

Que lugar para a utopia num mundo em que as leis da economia ditam novos monopólios?

Vive-se numa sociedade cujo grande valor é o dinheiro mas já estivemos pior. A juventude está hoje mais despegada das coisas do que no meu tempo. E o próprio dinheiro cria vazios que as pessoas têm necessidade de preencher com a interioridade. Tenho esperança no reino do ser.

Há muitas solidões mascaradas?

Não se imagina a solidão em que as pessoas vivem! A pouco e pouco, contudo, vamos sentindo a falta do pensamento e da alma e precisamos de nos encontrar com a espiritualidade e com uma certa forma de amar. As pessoas não sabem amar e a Igreja teve responsabilidades nisso porque fez confundir o amor com a sexualidade e a sexualidade com o pecado. Foi a Igreja que, nesse aspeto, acabou por fazer a propaganda da sexualidade sórdida.

O fruto proibido acaba por ser um fundamentalismo?

Ao criar o interdito, a Igreja deu azo ao *voyeurismo*. A pedofilia, por exemplo, entre o clero tem, de certo modo, que ver com essa questão. A sexualidade é uma coisa normal, é uma chamada da natureza, portanto, a Igreja encontrou aí o campo em que o homem mais poderia prevaricar e pedir perdão; este é um fenómeno das sociedades frágeis.

É um erro de que a Igreja tem de penitenciar-se?

Basta reconhecê-lo e emendá-lo.

Que relação tem hoje com a Igreja Católica?

Não me esqueço do muito que devo à Igreja. As pessoas mais extraordinárias que conheci eram ligadas à Igreja; se todos fossem como o padre Abel Varzim ou o padre Manuel Antunes bem iria o mundo.

Pecado é o quê?

Diz-se que a mulher é o pecado, mas não. O pecado é o homem. Não consigo falar à vontade com um homem da minha geração porque, ou tenho de falar de futebol e não percebo nada de futebol, ou falar de ações da bolsa de que também não sei nada. Para diálogos que

me interessem, que sejam conversas de alma, procuro mulheres e gerações mais novas. A Helena Vaz da Silva faz-me muita falta.

Tem sabido amar?

Graças a Deus, acho que sim, mas também aprendi tarde.

Jorge Luís Borges diz-nos: *Se eu pudesse viver novamente a minha vida... na próxima trataria de cometer mais erros.*

Apetece-lhe o mesmo?

Entramos na sociedade através das normas da tribo, que são asfixiantes. Cumpri as normas da tribo até aos trinta anos; a partir daí tomei consciência de que não estava a ser eu. Se não se colocarem em causa as normas da tribo, a sociedade não progride.

Questionou as normas da tribo através da sua relação com Deus?

Acabei por encontrar-me comigo mesmo devido ao desinteresse que a sociedade criou em mim pela forma como estava organizada. Quando não ando nos trilhos da sociedade, é aí que me sinto bem e inteiro.

Qual a maior fragilidade do homem?

A minha, são os medos. Eu tinha medo de Deus, tinha medo dos outros. Era um menino cheio de medos.

E libertou-se de todos os seus medos?

Libertei-me na medida em que os outros aceitaram o meu diálogo, nomeadamente na escrita, isso fez-me muito bem. Não gosto de mitificar-me, nem a mim nem a minha escrita, penso todavia que na minha história pessoal nada tenho de que envergonhar-me. Como

futuro terei o esquecimento. Jorge Luís Borges também falou dessa única certeza: o esquecimento.

Admite que tem uma escrita de sensibilidade feminina?

Tenho, tenho. Entendo, porém, o feminino e o masculino não por meio da biologia mas pelos sentimentos. Considero mais importante a feminização do homem do que a masculinização da mulher no sentido em que o feminino está mais relacionado com os afetos e o masculino é mais ligado ao poder.

Os seus livros são um hino aos afetos...

Sou talvez dos poucos escritores que não têm vergonha dos afetos. Tem que ver com a educação que recebemos da família e da sociedade. Dizem-nos que heróis são o Napoleão, o Afonso de Albuquerque, e não se repara que existem outros heróis como Gandhi ou São Francisco de Assis, que se impuseram pelo amor, pela não-violência.

Foi presidente do Instituto do Livro. Não lhe parece que a criatividade literária está a ser desapoiada?

Incentivei a atribuição de bolsas por mérito no caso de autores que já houvessem testemunhado uma vida de criação literária e se defrontassem com sérios problemas de sobrevivência económica. Com essa medida estou de acordo, mas já não aceito bolsas do género tome lá tanto para escrever um livro. Tudo o que escrevi foi à margem do que trabalhei, como tantos mais o têm feito.

Sente-se um homem de esquerda ou de direita?

Direita e esquerda é uma dicotomia que, a meu ver, já não faz sentido. Procurei defender sempre o valor da liberdade, sentindo a liberdade como um direito mas igualmente como um dever.

Encontrou entretanto resposta para alguma das suas grandes interrogações, para os mistérios?

Já não é mau quando a gente reconhece que o mistério existe. Sartre tem uma frase memorável: «Só o meu ceticismo me impede de ser ateu». Também poderia ter dito: «Só o meu ceticismo me impede de ser crente». Um dia, em Paris, a conversar com Jean-Marie Domenach, analisávamos um pensamento de Adorno: «É preciso ter consciência sobre que espécie de ignorância está assente o nosso saber». Atrevo-me a contrapor, hoje como sempre, isto: Temos de tomar consciência sobre que espécie de saber está assente a nossa ignorância.

A roda implacável do tempo cria-lhe mais angústias?

Neste momento não tenho angústias nem estou a converter-me ao pessimismo. O nosso destino é estar do lado da alegria e do sonho.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*